

Destacava exortações
 Com sadismo estranho e cru,
 Afirmando que os encantos
 Que nasciam da mulher
 Provinham de Belzebu.
 Por fim, gritava orgulhoso
 Que não tinha verbo errôneo,
 Que ele clamava por Deus
 Para afastar o demônio.

Um dia, porém, chegou
 Em que o choque aconteceu,
 O pregador rigoroso
 Nem de longe apareceu...
 A assembléia surpreendida
 Procurou por Graziela...
 Nesse instante, é que se soube
 Que, no trem da madrugada,
 Adão fugira com ela.

PETIÇÃO NÃO MUITO PRÓPRIA

Dos companheiros de grupo,
 Era ele o pedinchão,
 Solteiro, aos trinta, seu nome:
 Benedito Salomão.
 Quando chegava o momento
 Do Guia comunicar-se
 Ei-lo a rogar, compungido,
 Sem reserva e sem disfarce:
 — “Irmão Pinheiro, recorda
 Os assuntos de meu caso,
 O meu problema difícil
 Vem sofrendo grande atraso...”
 O guia escutava, atento,
 Ao modo de homem antigo...
 Depois, falava, sereno:
 — “Muita calma, meu amigo!...”

No entanto, em sessão seguinte,
 Eis Salomão no clamor:
 — “Irmão Pinheiro, relembra!...
 Ampara-me, por favor.”
 O Guia fitava as mãos
 E os pobres de olhar aflito,
 Em seguida, replicava:
 — “Mais calma, Irmão Benedito...”
 Pinheiro era servidor
 Da tarefa semanal;
 E Salomão prosseguia:
 — “Irmão, estou muito mal...”
 O Guia explicava a todos
 Que a provação quando vem,
 É socorro antecipado
 Para o nosso próprio bem!
 Entretanto, Benedito
 Em gemidos sempre iguais,
 Clamava: — “Pinheiro amigo,
 Tem dó! Não agüento mais!...”

Em uma sessão tranqüila,
 Revelou-se o Irmão Pinheiro:
 — “Benedito, eu fui na Terra
 Pequenininho sapateiro...
 Agora, estou aprendendo
 Sobre socorro e doença.
 Não tenho a telepatia,
 Não percebo o que se pensa...
 O que sofres, assim tanto?
 Enfermidade, tristeza?
 Há professores no Além,
 Amparando a natureza...”
 Mas Salomão respondeu:
 — “Eu não tenho um mal qualquer!...
 Quero a cura de meu corpo,
 Não sei passar sem mulher...”